



Olhar de Professor
ISSN: 1518-5648
ISSN: 1984-0187
olhardeprofessor@uepg.br
Universidade Estadual de Ponta Grossa
Brasil

“PAULO FREIRE MAIS DO QUE NUNCA”: PARA RESISTIR E SONHAR COM A EDUCAÇÃO E A FILOSOFIA

Belmont, Priscila Liz

“PAULO FREIRE MAIS DO QUE NUNCA”: PARA RESISTIR E SONHAR COM A EDUCAÇÃO E A FILOSOFIA

Olhar de Professor, vol. 23, 2020

Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=68464195068>

DOI: <https://doi.org/10.5212/OlharProfr.v.23.2020.16767.209209229435.0828>



Este trabalho está sob uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional.

“PAULO FREIRE MAIS DO QUE NUNCA”: PARA RESISTIR E SONHAR COM A EDUCAÇÃO E A FILOSOFIA

Priscila Liz Belmont
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Brasil
pribelmont@gmail.com

DOI: <https://doi.org/10.5212/OlharProfr.v.23.2020.16767.209209229435.0828>
Redalyc: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=68464195068>
Recepção: 01 Janeiro 2020
Aprovação: 31 Dezembro 2020

KOHAN, Walter. **Paulo Freire Mais do que Nunca**: Uma bibliografia filosófica. Belo Horizonte: Vestígio, 2019.

Nos cursos de formação para professores, e entre tantas coisas que ouvimos e estudamos sobre Paulo Freire, sempre me chama a atenção dizerem que ele foi um “sonhador”, algumas vezes essa afirmação é colocada no sentido de esperança e perseverança no futuro da educação brasileira, outras, ela traz um tom pessimista de irrealidade e impossibilidade sobre aquilo que Paulo Freire de fato acreditava ser uma educação emancipadora. Mas, o que são esses sonhos de Paulo Freire? O livro *Paulo Freire Mais do que Nunca*: Uma biografia filosófica, escrito por Walter Kohan, não nos convida a saber sobre os sonhos de Paulo Freire, mas, a saber conhecer e sonhar com eles, para pensarmos um outro sentido para educação e a formação de um educador no nosso tempo. De fato, são tempos difíceis para sonhadores, enfrentamos uma onda de crise global no meio ambiente, na economia, na saúde e nos direitos humanos, contudo, ainda vamos nos permitir sonhar? Nesse contexto, fazendo uma reflexão crítica sobre o livro, penso que o sonho, quando se trata de Paulo Freire, pode ser entendido como uma ação, uma atitude diante da vontade de seguir e assim, inventar maneiras de sonhar o mundo, e de acordo com Paulo Freire, (1990, p. 56), conforme citado por Walter (2019 p. 223), “*Estou seguro de que, na tentativa de criar alguma coisa dentro da história temos que começar a ter alguns sonhos*”.

O livro *Paulo Freire Mais do que Nunca* (2019), apresenta Paulo Freire em uma biografia filosófica, que nos convida a pensar a educação e seu caráter existencial, político e filosófico, trazendo uma atenção especial a apresentação de cinco princípios; palavras escolhidas pelo autor, com as quais, a partir do modo de vida de Paulo Freire, são desenvolvidas reflexões que constituem sua vida e obras num sentido filosófico, propondo uma estética de existência (Foucault, 2011) da vida do *mestre dos sonhos* (p.185).

Um mestre dos sonhos que não sonhou sozinho, já nas primeiras páginas do livro após a apresentação, encontramos uma entrevista com o filho caçula de Paulo Freire, Lutgardes Costa Freire, que aconteceu no Instituto Paulo Freire em São Paulo, e que assim, Walter nos apresenta também o caráter, curioso e ao mesmo tempo amigável do qual pretende perceber Freire na sua escrita. A entrevista com Lutgardes revela aspectos muito afetuosos da convivência de Paulo Freire com a família; as viagens; as conversas; a relação com esposa e filho; em que, os lugares da escola e da família facilmente se misturam, não se relacionando como instituições distintas, mas como dois lugares igualmente importantes para pensar a vida. Em anexo no livro, uma entrevista com a educadora Esther Pillar Grossi, *amiga e contemporânea de Paulo Freire* (p.32); e no texto “*As cartas a Nathersinha*” (p.181), sobre as seis cartas que Paulo Freire trocou com sua prima de segundo grau Nathersinha durante seu exílio no Chile e que foram publicadas em 2016, podemos perceber os elementos que constituíram ao livro um aspecto íntimo, que está além de uma relação com conceitos e fundamentos teóricos; dialoga com diversos afetos, tempos, lugares e pensamentos.

No que se refere o caráter político, o livro não se ocupa com a discussão político partidária ideológica, mas afirma um lugar político da própria vida e existência dos indivíduos em sociedade, as escolhas, os caminhos e as ações que constituímos ao longo da nossa vida, e como o próprio autor afirma inquietar-se com essa questão: *“O que mais me inquieta, então, a partir da inspiração de Paulo Freire é pensar filosoficamente uma posição política consistente para ocupar o lugar de quem educa”*. (p. 24). No caráter filosófico, a leitura do livro nos provoca a pensar numa filosofia não como mero conteúdo histórico sobre o pensamento de um teórico, que deve ser reproduzida ou contextualizada num comportamento cotidiano performático e metodológico, mas, no que se refere a um modo de ser na vida e com a vida, uma forma de olhar o mundo e como caminhamos pela nossa própria existência nas experiências que vivemos ou compartilhamos. E, o que há de filosófico na vida de Paulo Freire? O educador, teórico, escritor, homem, amigo, pai e filho vão se apresentando e se relacionando ao longo do livro, tanto em sua vida privada quanto pública, em suas obras, cartas e outros diálogos em que o autor vai citando, e que nos convidam a pensar que entre esses tantos “freires” se constitui uma vida filosófica que nos possibilita pensa-la de tantas outras maneiras e com ela refletirmos sobre a educação, e a própria condição política e filosófica das nossas vidas enquanto educadores.

O autor do livro, Walter Koham, se apresenta na sua escrita como um bom curioso da vida de Paulo Freire, apresentando uma dimensão do trabalho do educador que vai além de posições políticas partidárias como dito anteriormente, e que consequentemente extrapola qualquer interpretação ou crítica fundamentada apenas na descrição das obras de Freire, pois, é necessário se colocar como um observador atento da sua forma de vida e do seu pensar, para refletir e compreender suas obras e como sua caminhada refletiu nas suas contribuições para educação. Contudo, Walter não deixa de citar o contexto de tensão do atual momento político do Brasil e como a figura de Paulo Freire nos traz importantes reflexões sobre nossa atual política de governo; a exemplo, o autor reflete sobre a simbologia autoritária dos esforços para revogarem a Lei nº 12.612 de abril de 2012 do Governo Federal de Dilma Rousseff, que declara Paulo Freire patrono da educação brasileira, e que em 2017 passa a circular no Senado Federal a tentativa de revogação da mesma. Sobre o texto da revogação Walter diz: *“Como se pode constatar, além dos erros de digitação que apresenta, o argumento é completamente falacioso e reducionista”* (p.21); e também comenta como o Governo Federal atual exalta um modo de comportamento e políticas educacionais que são contrárias ao pensamento de Paulo Freire.

O que me interessa é a potência de outras obras e outras vidas para pensar um problema comum a qualquer vida educadora: o de uma política para a educação que mereça esse nome; em outras palavras, o problema de como pensar filosoficamente – o que significa teórica, mas também vitalmente, segundo veremos – o que faz de um educador ou educadora uma figura politicamente pertinente, ou seja, que oferece sentidos políticos potentes para entender e praticar o ato de educar aqui e agora. (p.28)

Além disso, o livro também reafirma a importância histórica de Paulo Freire no cenário intelectual, político e acadêmico pela quantidade de vezes que é citado em artigos científicos, livros que discutem acerca de seus conceitos, além do reconhecimento em títulos e homenagens que recebeu e recebe por vários países do mundo. O *“educador pernambucano”* (p.31) como Walter o chama em alguns momentos do livro, é o mais reconhecido educador brasileiro; que nasceu em 1921 e viveu até 1997, e durante esse período viveu as experiências de um século marcado por outros grandes pensadores que também pensaram a educação, as lutas e as relações de poder no século XX, deste modo, a biografia filosófica do educador pernambucano, nos oferece muitas possibilidades de pesquisas e elementos de reflexão.

Repito, mais uma vez, o sentido deste livro: filosoficamente pensar, junto com Paulo Freire, a especificidade do valor político da tarefa de educar. Acabei demarcando cinco princípios ou inícios que considero importantes para esse valor na medida em que, a meu ver, configuram esse espaço de uma forma emancipadora. (p.25)

E seguindo essas possibilidades de pesquisa e reflexão acerca de Freire, o autor nos apresenta cinco princípios dos quais ele considera como um exercício emancipador da sua escrita, encontrando nesses princípios e junto com Paulo Freire, o sentido político de educar; são princípios que mostram uma certa

atenção do autor ao caráter dialético das obras de Freire e do seu interesse pela leitura dialógica que faz da própria vida de Freire. Mais adiante neste texto, vamos nos encontrar com estas palavras de forma um pouco mais específica, para quem sabe iniciarmos um importante exercício de pensa-las na dimensão filosófica que traz o autor. As palavras vida, igualdade, amor, errância e infância, escolhidas para os cinco princípios, vão se revelando ao longo do livro como *inícios* (p.28), para pensarmos filosoficamente sobre cada uma delas e com a educação; a política; o fazer pedagógico; e a vida. (retoma a estes princípios)

No apêndice do livro, o autor traz textos que relacionam de forma direta as ideias de Paulo Freire com as ideias e trabalho do filósofo americano Matthew Lipman, reconhecido pela investigação filosófica de filosofia para crianças, investigações estas que marcam também o trabalho e vida de Walter Kohan como pesquisador e pensador de um fazer filosófico com crianças. Nesses textos, semelhanças e diferenças entre Freire e Lipman são levantadas de maneira crítica, seus pontos de vista no contexto contemporâneo das políticas neoliberais e as possibilidades de pensar o fazer filosófico com crianças, dentro do contexto brasileiro e das ideias freirianas de uma educação problematizadora que acolhe as perguntas e o diálogo, para prática da liberdade e a conscientização dos sujeitos.

O livro não pretende tratar Paulo Freire dentro de um ideal romântico sobre o que é a educação, ou, colocá-lo num lugar de pensador ou teórico a partir de relações com as tradições filosóficas, mas que, ao aprender e conhecer seu pensamento, nos convida a pensar a educação a partir de outros lugares, pensando as vivências, criticando, questionando e criando relações com nosso próprio tempo e lugar; Ao longo da nossa formação temos feito o exercício de pensar filosoficamente sobre um teórico e as coisas que ele escrevera ou escreve? Pensamos “juntos” e “com” Paulo Freire?

Nesse sentido, uma biografia filosófica de Freire pode contribuir para nosso tempo de forma crítica, porém, sem apelar para as constatações idealizadas da sua figura pública, mas, reconhecendo e relacionando-o com nosso pensamento e práticas sobre a educação, afinal: Somos os educadores que pensamos que somos? Temos feito o exercício de pensar de forma existencial sobre as nossas práticas? O que é ser um filósofo da educação? É possível sonhar “com” e “na” educação? Quais princípios constituem uma educação filosófica? Essas perguntas não pretendem resumir ou concluir as provocações existentes no livro, mas, coloca-las no presente texto a partir da leitura de um livro sobre Paulo Freire, constitui um movimento de olhar, conversar e caminhar com as perguntas, reinventando uma resenha.

Um convite para darmos início ou continuidade à uma experiência de leitura dialógica, tanto pela relação do autor com a escrita, quanto pela nossa relação com a leitura, criando um movimento muito interessante de “*recriar*” (p.27) Paulo Freire de tantos modos num movimento de saberes inacabados que não se esgotam no conhecimento sobre sua vida e obra.

PRINCÍPIOS QUE APRESENTAM UMA BIOGRAFIA DE PAULO FREIRE:

Junto com a trajetória de Paulo Freire, em suas ideias acerca da educação popular, suas relações familiares, de amizade e sua relação com os lugares por onde esteve, o livro vai caminhando com a filosofia e nos conduz a um encontro que possibilita pensar nossos próprios modos de vida, um olhar para dentro de si a partir do olhar de Kohan para vida de Freire.

Entre os capítulos, palavras e imagens do livro, vai se revelando a importância de estudar Paulo Freire por um viés filosófico; a importância de ler um teórico de forma crítica, reflexiva e questionadora. Mesmo sabendo, que aquilo que lemos pode estar de acordo com o que pensamos sobre a educação, encontrar particularidades e relações com a filosofia, traz o aspecto de novidade do livro, trata-se de rever tudo o que sabemos, mas, de uma maneira inesperada, como se a vida e obra de Paulo Freire precisassem ser revisitadas como se fosse a primeira vez. E quais são as palavras que podem nos convidar a pensar filosoficamente a vida de um educador? No livro, o autor parte de cinco princípios que podemos considerar importantes categorias

freirianas para pensar a atualidade, e que se tornam provocações e argumentos do autor durante sua escrita. São elas: vida; igualdade; amor; errância; infância.

O primeiro princípio é o da “vida”, para o autor, a vida de Paulo Freire configura-se numa *estética da existência* (p.68), em que, não é a atividade intelectual em si que interessa ao autor, mas, um conjunto de razões, histórias e experiências que constituem um modo de vida. Neste princípio, o autor nos convida a pensar que, se a história é um problema filosófico como afirmaram pensadores como Karl Marx e Michael Foucault, o modo de vida de um pensador também pode ser compreendido como uma forma de conhecimento, apresentando como Paulo Freire se percebe enquanto educador e como o autor percebe Freire também numa aproximação com o filósofo da antiguidade, Sócrates; em que, viver e pensar a vida, é um modo de compreender e viver com a educação e a política. Neste princípio, destaco a inscrição que Walter faz de Paulo Freire numa relação pouco explorada segundo o próprio autor, com o pensamento de Michael Foucault, em especial sobre o último curso de Foucault sobre a noção de *parrhesia* (“o dizer verdadeiro”), (p.66), em que o filósofo investiga a história de heróis éticos e filosóficos não por seus títulos ou doutrinas, mas, pelo seus modos de vida “*em razão do poder explosivo, militante e revolucionário de seus caminhos e estilos de vida*”. (p.67), e que configuram um sistema de conhecimentos, essa relação trona-se interessante para pensarmos o caráter fenomenológico e dialógico da vida e obras de Freire.

No princípio da “igualdade”, a palavra é apresentada como aquela que conduz os indivíduos a emancipação dos sistemas de opressão. Em suas obras, Paulo Freire parte da conscientização de que todas as pessoas são igualmente capazes, desde que lhe sejam oferecidas condições iguais para caminhar; ou seja, os conhecimentos acadêmicos adquiridos ao longo da caminhada de um educador não devem ser critérios para este se considerar superior aos seus educandos; assim, o livro nos provoca a refletir de maneira crítica e pertinente esse lugar de professor “salvador”, que constrói um sistema de opressão e submissão nas relações, e nos faz pensar e buscar um professor que acredita na igualdade, e que vive de tal maneira, que trabalha criando condições para que todos possam caminhar de forma mais justa e igualitária.

A maneira de se relacionar com a igualdade que Paulo Freire tanto aborda em suas obras, pode ser pensada para todos os tempos, lugares e espaços da educação e da vida. Então, a igualdade deve ser compreendida da maneira mais genuína e primária, como um exercício, para que a partir daí, possamos exercer o princípio da não-dominação, pois, se na escola, aprendemos que existe alguém ou alguns com saberes superiores a nós, e que destes emergem a verdade e que por isso devemos obedecê-los, como podemos assim, educar para a liberdade? Como criar um lugar seguro para o questionar e o questionar-se, se nesta relação de poder se estabelecer uma condição de comportamento através da obediência? Compreender e respeitar a diferença são condições para o exercício de escutar o outro, que configuram num ato de humildade, sendo uma *virtude principal do educador* (p.82). Em suas obras, Paulo Freire critica com uma veemente frequência a forma política com que ensinam e normatizam uma relação de dominação dentro da própria escola, que depois vai se refletir na vida social e política de educandos e educadores também fora da escola; coloca, assim, sua atenção para formação social e política do professor e que Walter afirma em especial neste princípio da igualdade, em que ser professor é também um modo de viver, para além de uma função, profissão ou carreira, é uma maneira de se colocar para a vida.

E neste princípio da igualdade, Walter traz para esta reflexão os pensamentos de Joseph Jacotot em Jacques Rancière, que tratam a igualdade como condição e princípio político, se aproximando com o que Freire diz sobre a igualdade. Nessa relação, as experiências políticas de vida em tempos e realidades distintas (Jacotot no séc. XIX e Freire no século XX), são destacadas no livro para compreendermos a diferença e aproximação dos dois no que se refere a igualdade, em que, Freire, submetido ao exílio por exemplo, vai experimentar viver e refletir como educador em outro país, outras culturas, e modos de vida. Estar exilado, e deslocar-se do seu lugar de origem num período de grande contestação autoritária dos anos de 1960 e 1970, e ainda assim pensar e escrever sobre a educação e a igualdade, não pode deixar de ser percebido como um ato de coragem, e que, seguindo o sentido epistemológico que Freire coloca a palavra “igualdade”, Walter nos conduz a um exercício

lógico de compreensão da afirmação dessa palavra no capítulo “*Sentidos da afirmação da igualdade*”(p.85), afirmando em seguida, a importância de que esta afirmação seja a própria vivência nas práticas educacionais e na vida.

Já no princípio que se refere ao “amor”, Kohan retoma esse pilar trazido por Freire na *Pedagogia do Oprimido* (1968), e assim como outras figuras importantes na história do mundo, Paulo Freire também já falava do amor como um ato político.

“se nada ficar destas páginas, algo, pelo menos, esperamos que permaneça: nossa confiança no povo. Nossa fé nos homens e na criação de um mundo em que seja menos difícil amar.” Paulo Freire. (Freire, 2005)

Existe um saber amoroso naquilo que Paulo Freire nos diz sobre a educação e que Kohan destaca neste princípio, onde existe afeto e o “ser afetado” que permite confiar e sentir que outras possibilidades de mundo são possíveis. Amar seria uma condição para o educar, segundo o autor: “*é necessário amar o aprender para poder ensinar o que se ensina*”. (p. 129)

A amorosidade é um aspecto marcante das obras de Paulo Freire, pois é preciso amar no sentido político de escolha e confiança, para acreditar que é possível ser e viver de outras maneiras. Uma luta fundamentada no amor é inventiva. Todas as revoluções acabam por reproduzir os mesmos sistemas de dominação e opressão em nome da liberdade, mas, lutar com o amor é uma escolha, é um exercício para e com a liberdade. E sobre lutar, amar e ensinar, encontro no livro a seguinte frase: “*O amor é uma arma de quem ensina em defesa do direito de ensinar*.” (p.135), o amor como uma arma de defesa, enquanto vivemos tempos em que as políticas de governo aclamam o uso de armas que matam. Falar de amor é um ato político, assim como educar para e com esse amor é uma luta, pois, é resistir e afrontar um sistema hegemônico de relações de poder com violência e dominação.

Querer e escolher, ou, poder escolher amar, assim como os outros princípios do livro, relaciona o amor não só com a vida, mas, em específico ao ato de educar. Walter nos faz pensar as relações entre “saber amar” e “amar o saber”, que são essenciais para pensarmos a escola além da instituição e pensar o professor para além da profissão. Como nos colocamos diante da educação de forma amorosa, e como apresentamos aos educandos as maneiras possíveis de amar o saber? A escrita de Walter Kohan é sobre o amor como um ato educativo, não se tratando apenas das emoções que carregam esta palavra “amor”, mas, pensando na potência dos afetos, na relação em como afetar e se permitir ser afetado pelo outro.

E não diferente dos princípios anteriores, a “errância”, também é compreendida como uma ação ou maneira de ser na educação e na vida. Podemos compreender o professor errante como sendo aquele que erra, viaja ou que se desloca, o livro nos apresenta alguns caminhos para pensarmos Paulo Freire como um mestre errante, como um andarilho e como aquele que de fato se deslocou com o corpo e com o pensamento, com suas viagens pelo mundo, pelo exílio, escrevendo sobre seu país estando fora dele, marchando politicamente com seu trabalho e pensando num mundo outro a ser construído. E o que podemos aprender com a errância de Paulo Freire?

O errante é aquele que acredita que para viajar é necessário não antecipar o destino da viagem, e estar atento àquilo que a própria viagem pode oferecer; neste caso, podemos compreender uma educação não-errante como sendo a educação chamada “bancária” por Paulo Freire. Então, mais uma vez no sentido existencial, numa forma de ser e estar no mundo, o educador é aquele que segue caminhando e se deslocando não apenas no sentido físico, mas, no sentido de um pensamento andarilho, que viaja num movimento de errância, um devir errante, que experimenta, inventa e se encanta sem antecipar o fim. E essa figura do “educador errante” é aproximada em especial a Simon Rodriguez, o mestre inventor (Kohan 2013), conhecido como o “Sócrates de Caracas” (p.152), Freire e Rodriguez possuem aproximações muito particulares no sentido errante, são mestres andarilhos que contestam as formas de poder e autoritarismo, que se deslocaram com o corpo e com o pensamento, e entendem a viagem no sentido de “autoliberar-se” (p.152) e busca de novas maneiras de pensar a educação.

O livro nos permite compreender que o professor errante é aquele que é curioso sobre as possibilidades dos acontecimentos, e sabe que é preciso inventar e se reinventar para ser esse errante na educação e na vida. Segundo Kohan, Paulo Freire vive como um educador andarilho, no capítulo “O andarilho”, (p.144), o autor afirma esse lugar essencial para um educador que pensa a educação e o mundo: “*Viajar, para um viajante, não é apenas proveitoso, mas necessário: como pensar uma educação mundana sem andar pelo mundo, sem se expor às suas diversidades e diferenças?*”. (p.145), o seja, ser errante, deslocar-se também com o corpo e suas andarilhagens pelo mundo, constituíram seu modo de vida; de sentir e ver o mundo; de escutar o outro e a sua escrita.

No último princípio que é o da “infância”, inicialmente podemos nos fazer a seguinte pergunta: Conhecido como o educador que olhou de forma tão singular para a educação de jovens e adultos e a ela dedicou boa parte de suas ideias, o que teria Paulo Freire a nos dizer sobre a infância? Trazendo a análise de alguns textos sobre práticas educativas de Freire, Kohan analisa que a própria infância de Paulo Freire se coloca como ponto de partida para suas reflexões e ideias acerca da educação. O menino Paulo Freire está presente! E para pensarmos o princípio da infância, Walter vai encontrando o menino Freire em suas falas e escritas já adulto e reconhecido como educador: “*Paulo Freire fala e escreve repetidas vezes sobre sua infância cronológica em livros, entrevistas, cartas.*” (p.163). No quintal, à sombra das mangueiras e traçando rabiscos no chão de terra, Paulo Freire foi alfabetizado, uma escola de quintal e cheia de afetos. É importante enfatizar que o livro não pretende tratar de uma infância no sentido cronológico, não é sobre o que Paulo Freire pensou como metodologia de ensino para crianças, ou, não é tão somente sobre resgatar memórias de sua infância para falar delas numa temporalidade histórica (falar do passado). Mas, a infância que o autor nos apresenta para falar de Paulo Freire é no sentido de “ser infância”, em pensar as experiências da vida num tempo ilimitado do tempo grego *aión*, ou seja, uma infância filosófica que está com Paulo Freire. “Paulo Freire busca (e encontra), em seu tempo de menino, o Paulo Freire maduro que é: sua infância cronológica não é falta, mas presença em seu presente” (p. 167).

Assim, podemos pensar que, quando Paulo Freire se refere à sua infância, mostra que, a maneira com que ele foi educado quando criança foi fundamental para a construção do seu pensamento sobre a educação enquanto adulto. Daí, o autor enfatiza a importância da nossa relação com nossa própria infância e com a infância das crianças, para além da ordem cronológica da qual estamos habituados a conceber a infância. Kohan percebe que as inspirações das ideias de Freire partem de uma relação com sua infância, portanto, não escreve Paulo Freire para educação de crianças, mas escreve com a infância no tempo *aión* da experiência. Como olhar para o mundo com olhos de infância na maturidade de um adulto? Talvez a resposta dessa pergunta esteja nos princípios anteriores que aqui descrevemos, quem sabe possamos olhar o mundo e a educação com toda a curiosidade, errância, igualdade e amorosidade de uma criança. E nesse sentido, o livro apresenta o menino Paulo Freire como talvez em nenhum outro momento tenhamos observado nos nossos estudos sobre suas práticas e pensamentos. O menino sempre esteve ali sonhando, inventando e convidando outros sonhadores, para pensarmos juntos sobre a educação.

O título do livro *Paulo Freire Mais do que Nunca*, já nos sugere uma certa urgência de tempo para retomarmos nosso conhecimento sobre o educador de uma outra maneira, como se fosse necessário não só uma leitura profunda sobre as ideias freirianas, mas um novo olhar e uma nova atitude diante do tempo e lugar que falamos sobre a educação. Um título que nos conduz a pensar de imediato no cenário político atual do Brasil e do mundo, onde um educador brasileiro que em 1967 pensava a concepção de *educação bancária*, que critica o ensino que considera o educando um mero depósito de conteúdo, hoje, esta mesma concepção é pertinente e necessária de ser pensada dentro de um contexto mundial, onde a educação é servida como uma moeda de troca para atender as exigências quantitativas de uma sociedade neoliberal, em que a educação de indivíduos conscientes, questionadores e críticos dos sistemas é considerada “doutrinação”. E quando, “mais do que nunca” os valores passam a ser trocados de lugar, quando as epistemologias não dominantes são silenciadas pela clara violência de uma atmosfera autoritária dominante, Kohan como o grito daqueles que

estão pela educação como estão por uma *vida digna de ser vivida*, evoca em nós a necessidade de pensarmos nos discursos que estamos usando para defender a educação. Como estamos resistindo e como vamos continuar?

A dimensão da educação freiriana não se revela no método em si, ou na mera interpretação de seus conceitos e concepções, tampouco se reduz em ler sobre a vida de Freire como educador, escritor e sociólogo, no sentido daquele que apenas performou seus papéis, mas, também como um filósofo que não somente pensou e escreveu sobre a educação, mas, que suas vivências e na maneira de se colocar e perceber sua existência foram o constituindo filosoficamente. Pensar e viver a educação a partir das ideias de Paulo Freire passa a constituir um caráter de resistência quando por ela, afirmamos a própria existência, logo, resistir com Paulo Freire é inventar uma nova forma de existir na educação e de ser educador.

REFERÊNCIAS

- DURÁN, L. M.; KOHAN, W. Manifesto por uma Escola Filosófica e Popular. Rio de Janeiro: Nefi. 2018.
- FREIRE, P. Pedagogia do Oprimido. São Paulo: Paz e Terra. (42ª edição) 2005.
- FOUCAULT, Michel. A coragem da verdade. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.
- KOHAN, W. Paulo Freire Mais do que Nunca: Uma biografia filosófica. Belo Horizonte: Vestígio, 2019.
- KOHAN, W.; OLARIETA, F. B. (org.) A Escola Pública Aposta no Pensamento. Belo Horizonte: Autentica, 2012.
- KOHAN, W. O Mestre Inventor: Relatos de um viajante educador. Belo Horizonte: Autentica 2013.